



D. Paulo fala sobre eleições

O grão-chanceler analisa o momento político na universidade e no país, a atuação da reitoria, e se coloca a favor de um peso maior para o voto dos professores.

Págs. 3 e 4.

O Cuca faz 15 anos

Sem preconceitos, o coral da PUC canta do rock a música erudita.

Pág. 8



As nossas bibliotecas

Nos três campi, cinco bibliotecas oferecem 150 mil volumes para consultas. Pág. 6

CARTAS

UDR E PUC

A "Associação atlética Acadêmica 22 de agosto" tem, como patrocinadora de seus uniformes, em algumas modalidades, a tão falada UDR. Assim tem representado os alunos desta Universidade, inclusive em outras praças, como aconteceu em Santos, nos Jogos Jurídicos de 13, 14 e 15 de maio.

O Centro Acadêmico 22 de Agosto manifestou-se contrário à união das siglas, que entende incompatíveis. Fê-lo por manifesto escrito e público, afixado no mural que lhe é reservado.

Nossos "Olympic agro boys", acostumados a promover churrascos em prol de sua entidade, queimaram, não sem antes rasgar, truculentos, palavras incapazes de promover agressões físicas: o manifesto que o C A redigiu, como representante de vasta maioria votante em últimas eleições, legitimamente.

O mais importante é o fato de estar sendo a Universidade Católica aviltada em seus interesses históricos.

Critica-se a Atlético não pelo fato principal e grave do patrocínio da UDR. Fosse qual fosse a instituição política, tal atitude seria merecedora de reprovação. PT, CCC, TFP, CUT ou GCT, além da UDR, não têm fins lucrativos. Seus fins são ideológicos ou de representação pragmática de seus simpatizantes. O que leva a UDR a um patrocínio dentro de uma entidade como a PUC? PROVOCAÇÃO é a resposta.

A "A.A.A. 22 de agosto" pode ter pecado por ingenuidade, porém não deixou de pecar.

Se a intenção era puramente

prática e a aceitação das verbas se deu em função da necessidade do uso de uniformes, a entidade pecou por ser argentária. Teve seu preço — e barato, diga-se — e por isso deve ser criticada. A UDR, diante da possibilidade de ver-se dentro do que considera um "reduzido" opositor, precaveu-se em não fazer outras imposições. Porque se a justificativa do patrocínio é monetária, a Atlético submeter-se-ia a ridículos ainda maiores. Poderia até usar cornos de plástico sobre a cabeça dos atletas, alegando gentileza do promotor.

Se, porém, o intuito foi ideológico, aí, então, a provocação é duplice: da UDR e da Atlético. Tal hipótese, porém, de tão hedionda, deve ser afastada.

Entende-se a dificuldade do trabalho de um organismo acadêmico. O que não se admite é a imposição coercitiva do uso de siglas representadoras de organismos de objetivos políticos e contrários, nitidamente, à maioria dos alunos representados.

Centro Acadêmico 22 de Agosto
Direito & Avesso — 1988

Carta aberta à comunidade

Nós, alunos de Filosofia, depois de um exaustivo processo de mobilização pela reorganização do Cafil (Centro Acadêmico de Filosofia), promovemos na última semana eleições para a diretoria do mesmo. Os resultados foram os seguintes: Chapa "No começo era a ação", 127 votos (95%); Brabcos, 4 (3%); nulos, 3 (2%). Total de votantes, 134 alunos (54% do curso).

No momento, o que julgamos fundamental, após este processo eleitoral, é a conquista do espaço físico para o Cafil que, como todos sabem, ainda não possuímos. As negociações neste sentido começaram no dia 5 de abril.

Durante duas semanas tentamos inutilmente marcar uma audiência com o Vice-Reitor Comunitário, Dr. Antonio Chizzotti. Depois de várias tentativas e muita insistência de nossa parte, o "distinto" Vice-Reitor resolveu ceder um pouco do seu "precioso tempo" e com "muita boa vontade" nos recebeu no dia 20 do referido mês em seu gabinete. A resposta ao nosso pedido de uma sala foi negativa. Mas conseguimos, porém, uma promessa de empenho por parte da Vice-Reitoria comunitária quanto à cessão de um outro espaço. E mais, em duas semanas a partir daquela data, nos seria dada uma resposta afirmati-

va ou não sobre a questão pendente.

Não sabemos por que motivo o "distinto" Vice-Reitor, passado um mês, não nos respondeu, talvez por falta de tempo, afinal, ele é um sujeito muito ocupado e questões que envolvem alunos não merecem o seu "precioso tempo".

Antonio S. Lacerda, Benevaldo S. Rocha, Luiz Felipe Sahd, Luiz Ricardo Bonfiglioli

Resposta do "22 de Agosto"

Em carta enviada a este jornal — edição nº 137 — o estudante de Direito Paulo Victor Fernandes apresentou uma crítica ao C.A. "22 de Agosto", no que se refere ao meio utilizado por esta entidade para reerguer o Conselho de Representantes de Classe. Afirma ter ocorrido "desvios" por parte deste Centro Acadêmico que estabeleceu "de forma completamente arbitraria" determinadas normas de funcionamento do C.R.C., sem que isso fosse de sua competência, o que ainda comprometeu a própria autonomia daquele órgão.

Cabe esclarecer que, tendo como propósito resgatar o C.R.C. — o que significa lutar por canais de participação, comunicação e informação, há tanto obstruídos — fez-se necessário elaborar um regulamento mínimo que servisse como impulso inicial à efetivação plena deste órgão. Tal regulamento foi proposto com intuito de expressar a importância, a seriedade e a responsabilidade da atuação do representante de classe, no processo de construção de um espaço em que os interesses, as demandas e as críticas dos alunos se fizessem vivos. Daí a exigência da classe ser representada, seja pelo próprio representante, pelo suplente ou, ainda, por qualquer aluno que a integre.

Trata-se de fortalecer uma meta, talvez a maior delas, que é disseminar, difundir e espalhar no interior de cada classe a consciência do atuar, do transformar, desarmando, assim, todo o tabu que envolve o poder e que faz do aluno não sujeito, mas tão-somente um objeto do poder.

O nosso ingresso no universo formalmente político só tem razão na ambição de fazer, de realizar algo que contribua para o mecanismo do frágil processo de democratização e de amadurecimento da Universidade.

C.A. "22 de Agosto"

Produção docente

Com relação à notícia divulgada na seção "Poucas & Boas" do último Porã (nº 138, gostaria de corrigir a informação sobre "Produção Científica Docente". Os professores não precisam "listar também a apresentação de teses e dissertações defendidas na PUC em 87". Esta lista já foi feita pela Educ., diretamente no setor de Pós-Graduação, a partir das Fichas da Fátima. Cordialmente.

Maria do Carmo Guedes, diretora da Educ.

Expediente

Professores Jornalistas:
Laurindo Lalo Leal Filho (reg. Mtb. 12.100 — Mat. Sind. 300) — Valdír Mengardo (Mtb 12.347 — Mat. Sind. 6.707)
Redação
Editora: Elizabeth Lorenzotti (reg. Mtb. 10.716 — Mat. Sind. 4.183)
Repórteres: Agostinho L.G. Teixeira, Demétrius Papanounis, J. Judciano G. Cavalcante, Maria Cecília de A. Sodrê.
Fotografia: Ronaldo Entler
Diagramação: Marcelo Araújo de Azevedo
Publicidade: Roberto Coelho Barreiro Filho (reg. Mtb. 3.038 — Mat. Sind. 12.596)
Produção: Sonia Regina Pinto de Souza
Porã'duba circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Rua Monte Alegre, 984, São Paulo, CEP 05014, tel. 263-0211, r.227 ou 864-1012
Porã'duba em tupi: notícia

OPINIÃO

Projeto da "esperança"

Prof. Silvio José Pilon

Conversando outro dia com o prof. João Edênio Valle, membro deste Departamento e atualmente ministrando aulas na Pós em Ciências da Religião, contava-me ele que uma vez Rubem Alves veio à PUC dar uma palestra aos professores sobre religião. Num determinado momento de sua colocação, Rubem Alves disse que a Religião era "uma rede colocada sobre um abismo; e pior, esta rede não se prendia a ponto algum".

Nós caminhamos sobre essa rede! É a esperança. Talvez seja disto que somos feitos, de esperança. Acho mais bonito pensar no Homem feito de esperança do que nas análises emitidas por um computador que transforma meus desejos, meus sentimentos, meu momento de contemplar... num gráfico que nada me diz sobre a esperança.

Poético? Talvez. Mas toda vez que sofro a tentação de ser tragado pela fragmentação do nosso cotidiano, que me vejo no perigo de cair no vazio de passar a vida sem "horizontes de humanidade", recorro à poesia para me manter vivo.

E o que isto tem a ver com um projeto de Departamento? Mais ainda, com um projeto que radica toda a sua concepção num acadêmico fecundado pela esperança? E eu responderia perguntando: "Para que um novo projeto, se ele não parte da esperança com 'horizontes de humanidade'?" Pois só a esperança pode gerar o novo.

O Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC/SP acabou de elaborar um projeto que está sendo enviado a toda a Universidade, onde redefine a proposta de sua disciplina exatamente a partir daquilo que gosto de chamar "horizontes de humanidade": de humanidade porque é a ânsia mais básica em todos nós; de humanidade porque concebe o homem como um fazer-se e um fazer — a partir de todos os condicionantes de sua historicidade; de humanidade porque tem por pressuposto que há sentido em falar de Homem, sem negar-lhe a individualidade, numa visão de comunhão universal ("ágape", como diria o texto bíblico).

Se o Departamento tem o nome de Teologia e Ciências da Religião, uma de suas primeiras tarefas é lidar com o sentido, com a esperança, com o tornar-se verdadeiramente humano, enfim, com o "pois é, pra quê?" da vida de cada um e de todos nós. E este lidar, que alguns espíritos mais céticos (e assépticos?) e positivistas poderiam chamar de "poético", é o que verdadeiramente desemboca numa profunda reflexão ética, num re-dimensionar e re-otar, num re-agir que informam a "práxis nossa de cada dia".

"Acerca do último estágio deste desenvolvimento cultural pode-se, na verdade, dizer: 'Especialistas sem espírito,

sensualistas sem coração."

Esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca dantes alcançado." (Max Weber)

E é justamente a esperança a grande responsável pelo fenômeno religioso, em todos os tempos e lugares, fenômeno religioso que anuncia e prenuncia que... toda a realidade é portadora de um sentido humano e invoca o cosmos inteiro para significar a validade da existência humana" (Berger e Luckmann).

E a Teologia? Não é o discurso sobre Deus? Como falar de Deus numa Universidade que é Católica ("katholós"), isto é, "de vistas largas, que respeita a liberdade de expressão e de pensamento de seus membros... que aceita viver na pluralidade" (cf o artigo "PUC — como entender 'Católica'", Porã'duba, nº 135, coluna Opinião).

Quando era estudante de Teologia, aprendi algo no curso de Bíblia que me deixou atônito (e que mais tarde foi publicado em artigo do qual transcrevo um trecho que dá o que pensar): "...o Deus verdadeiro não é um absoluto que, não precisando de mais nada, se fecha egocentricamente em si mesmo. Pelo contrário, é um absoluto paradoxal; não só é relação em si mesmo (Deus é Trindade), mas abre-se para relativizar-se completamente, entrando em relação com toda a criação. O amor é relação em que o amante dá a si mesmo para gerar a vida (criação) e provocar libertação (êxodo). Em outras palavras o amor é dinamismo que cria o ser e com ele se alia para que o ser concretize sua própria realização... Jesus revela que não há antinomia (grifo meu) entre Deus e o Homem..." (cf Storniolo, Ivo, "Israel e a experiência de Deus: leitura do Salmo 139". Vida Pastoral, 123, jul-ago 1985, pp. 22-31).

Quem de fato ler o projeto do Departamento há de notar que o eixo teológico norteador do 2º semestre é vida e liberdade, eixo este, aliás, cerne do Antigo e Novo Testamento, e de todas as grandes religiões.

De fato, a reflexão teológica numa universidade católica, como a definiram os professores Cilia C. Pereira, Maria do Carmo Guedes e Flávio Di Giorgi no artigo supracitado — e assumida pelo Departamento na elaboração de seu projeto ("o desenvolvimento do espírito crítico e a afirmação da responsabilidade... buscar em comum a verdade e o amor"), é uma busca — e Deus é busca — que enceta, pois, um caminho em direção ao objeto da esperança: vida e liberdade, "ágape" e "pléroma".

Enfim, o nosso projeto também caminha sobre a rede num abismo...

E não é esta, afinal, a condição da existência humana?

Prof. Silvio José Pilon
Chefe do Departamento de Teologia e Ciências da Religião, Vice-diretor comunitário do Centro de Ciências Humanas

PUC OGEAE

COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO

UCSP

MARKETING AVANÇADO — PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E TÁTICO

EMENTA: Desenvolver o estudo de Marketing voltado à compreensão dos problemas e identificação de oportunidade de mercado.

Coord.: José Claudio Correra, Felício P. Benatti. Dirigido a: Profissionais da área. Total de horas: 30. Duração: 06/06 a 10/06 de 2ª a 6ª — 19:30 às 22:30hs.

MARKETING DE SERVIÇOS

EMENTA: Identificar o que torna o Marketing de Serviços diferenciado do Marketing de Consumo.

Coord.: José Claudio Correra, Alexandre L. Las Casas. Dirigido a: Profissionais da área. Total de horas: 30. Duração: 07/06 a 27/06 de 2ª a 6ª — 19:30 às 22:30hs.

DO SISTEMA CONSTITUCIONAL TRIBUTÁRIO

EMENTA: Os tributos e a constituição federal. Das repercussões na vida do contribuinte.

Coord.: Maria Lucia Jordão Ortega, Celso Ribeiro Bastos. Dirigido a: Advogados, Administradores, Economistas. Total de horas: 30. Duração: 07/06 a 28/06 às 3ªs, 4ªs e 5ªs feiras das 20:00 às 23:00hs.

Porã — O processo de democratização da Universidade, que o senhor desencadeou a partir dos anos 70, está transcorrendo de acordo com suas expectativas? Era essa a Universidade que o senhor pretendia?

D. Paulo — Toda sociedade brasileira evoluiu de uma maneira diferente daquela que esperávamos. Houve o período da ditadura militar e igualmente de ditadura financeira dos anos 70 até praticamente agora. O Brasil não se democratizou. A Universidade deu provas muito grandes ou criou canais para a democracia em diversas ocasiões. Por exemplo, no momento em que se uniu ao povo para solução de seus problemas na periferia. Não eram só os estudantes de Direito, mas também os de Sociologia e de outras disciplinas, que iam ao povo, passando junto com ele sábados, domingos, e assim a universidade se unia à vida do povo. Houve um outro esforço, que também indicou o grau de democratização da universidade, quando ela trouxe os representantes das periferias, do povo, os grandes problemas da sociedade para dentro da universidade, para serem discutidos. Pareceu-me que durante uma época, sobretudo no tempo da invasão da universidade, os estudantes participavam vivamente dos grandes problemas do Brasil. Portanto, não há democratização da universidade, se esta não ajuda o povo a participar de sua vida. A democratização não consiste apenas na indicação de um reitor ou de dois ou três nomes de reitor para escolha do grão-chanceler, o que é um passo para a frente, sem dúvida, mas consiste, sobretudo, na participação da vida universitária e também no incentivo que os professores e estudantes dão para que a universidade analise o futuro da sociedade, se empenhe para sua transformação. Quer me parecer que, em certos momentos nos últimos anos, faltou o *élan*. A universidade está, como o povo, com uma certa apatia em relação à sua verdadeira função na democratização do país. Por exemplo, os estudantes pouco ou quase nada participam do Conselho Universitário. Estão ausentes. Quando se unem para alguma reivindicação de dezoito, dezenove mil estudantes, não chegam a comparecer mil. Poucos, uma elite, decide por todos. Seria interessante se a universidade como tal fosse democratizada ou democrática, e não apenas desejasse uns momentos para exprimir sua vontade ou a vontade de alguns mais ativos dentro dela. Então, eu não posso dizer que esteja descontente, mas também não posso atribuir a culpa à nossa universidade, porque a apatia é geral.

Porã — Como o senhor mesmo citou, a PUC tem dado exemplos de democracia. Mas, em 1982, a PUC realizou uma



D. Paulo e as eleições na PUC

Para o grão-chanceler da PUC, a universidade hoje está "como o povo, com uma certa apatia em relação à sua verdadeira função na democratização do país". Ele acredita que a democratização não consiste apenas na indicação de um reitor, mas especialmente na participação na vida universitária e nacional. Nesta entrevista, o cardeal arcebispo de São Paulo aplaude a decisão da Constituinte em destinar verbas às instituições religiosas sem fins lucrativos, mas reivindica uma situação de igualdade com as estatais, e também faz uma análise da atuação desta Reitoria e se pronuncia a favor de um peso maior ao voto dos professores nas eleições.

A Comissão para encaminhamento do processo eleitoral enviou a D. Paulo um documento com princípios e normas, que será analisado e devolvido ao Consun. Em todos os Centros estão sendo realizadas discussões sobre as eleições. O resultado dessas discussões será levado ao Consun, que encaminhará a elaboração das normas eleitorais.

Constituinte para elaboração de um novo Estatuto, que até hoje não entrou em vigor. Fazendo um paralelo com a situação política do país hoje, esse seria um mau exemplo dado pela PUC ao País?

D. Paulo — Não foi a PUC que deu um mau exemplo e sim o governo em relação à PUC. Porque ela elaborou os novos estatutos e os enviou para serem aprovados. Até o momento não obteve resposta e não sabe nem mesmo as condições em que pode ser aprovado esse novo Estatuto. Como toda universidade, a PUC está mais de 50% sujeita às leis do Estado, talvez demasiadamente para uma universidade que deveria gozar de uma certa autonomia. Então, não acredito que esse exemplo possa prejudicar o nome da PUC, pelo contrário, ela cumpriu com seu dever, só que não pôde levar a executar o novo Estatuto e até ficou numa certa confusão em observar o antigo ou o novo. Tem que observar o antigo, porque se não o fizer, não pode funcionar, e não podendo funcionar não é universidade. A PUC tem que observar o antigo estatuto, esperando que o novo chegue e exprima a sua filosofia dentro do ambiente nacional e, sobretudo, dentro de nossa filosofia própria da PUC, que não é como qualquer outra universidade, porque tem suas características de ser universidade católica e pontificia.

"O grão-chanceler tem que enviar dois ou três nomes a Roma, por ser uma universidade pontificia"

Porã — Este ano a PUC terá um novo Reitor. Como será sua indicação? Lista triplíce, seis nomes, um nome?

D. Paulo — Como de costume, eu confio ao Conselho Universitário a missão de elaborar as regras para a eleição. Evidentemente que exijo deles uma legislação ou normas que permitam não só a participação de todos, mas que sejam um verdadeiro convite, um estímulo à participação de todos. Porque, de fato, a participação tem sido muito pequena diante da minha expectativa no passado. Para dizer com toda franqueza, tenho necessidade de ter dois ou três nomes porque não sou a última instância a aprovar. O grão-chanceler tem que enviar esses nomes a Roma, por ser a PUC uma universidade pontificia, então ela está sujeita às leis de todas as universidades pontificias do mundo, que nos dá certas garantias de equivalência de diploma em todo o mundo. Portanto, tenho que enviar esses nomes para uma chancela

definitiva de Roma e não posso enviar um nome só. Por isso, eu fico sempre agradecido quando as eleições me ajudam nesse ponto a cumprir meu dever e também a obedecer aos estatutos universais, que nos dão por um lado o privilégio, mas por outro o ônus de apresentar dois ou três nomes.

Porã — O futuro Reitor necessariamente deverá ter ligação direta com a Igreja? O senhor aceitará qualquer nome indicado pela comunidade ou tem um perfil do candidato?

D. Paulo — O perfil do candidato vai ser elaborado pelas discussões que haverá em torno dos assuntos. Gostaria que em uma eleição de Reitor, os assuntos não se restringissem exclusivamente aos pequenos ou maiores problemas de uma universidade, mas que abrangessem os problemas mais amplos de uma universidade dentro de um país num período de transição, numa hora em que essa Reitoria vai desempenhar o seu papel junto com toda universidade como um corpo, como uma comunhão de vontades. É claro que a Igreja, apoiando todas as reivindicações do povo, como reforma agrária, reforma urbana, participação do povo na vida do país, em uma série de coisas, seria uma pena se esse novo Reitor não estivesse ligado aos projetos da Igreja e também do povo, porque a Igreja

apóia os projetos do povo. Também, seria muito difícil para mim obter uma aprovação de um Reitor de uma pontificia universidade se ele não estivesse ligado à Igreja. Portanto, não depende de mim. Depende de um lado do povo e de outro lado, de uma aprovação superior. Mas, eu acho que os estudantes vão entender e quererão um Reitor que esteja intimamente ligado aos objetivos de uma universidade, que reflita o pensamento da Igreja nesse momento de transição, em que ela está sofrendo com o povo sofrido.

"Dar o mesmo peso ao voto de professores, alunos e funcionários, não é muito justo"

Porã — Há reivindicações na comunidade para que se mantenha a paridade de um terço entre os segmentos. Mas há argumentos contrários, de que a vinculação de estudantes e funcionários com a universidade é diferente da dos professores. O senhor acredita que o voto do professor deveria valer mais por essa vinculação?

D. Paulo — A universidade evoluiu muito. No início eu achava que os votos todos deviam manter uma paridade. Agora, desde que os professores entram por diversos graus e permanecem na universidade, e têm praticamente a sua vida a ela ligada, e também dão o espírito à universidade, não há mais nem nomeações e nem destituições como antigamente, aquele entra e sai, então, não há mais precariedade na carreira do professor. Já na carreira do estudante e do funcionário há uma precariedade muito grande. Um aluno, por exemplo, pode deixar a faculdade dentro de seis meses, porque estamos no meio do ano, seu voto não pode valer tanto quanto o de um professor que vai passar ainda vinte anos dentro da universidade ou vai ao menos passar esses quatro anos de nova Reitoria. O professor executa um projeto. A mesma coisa acontece com relação ao funcionário. Ele pode pedir demissão, ou ser admitido, logo. Um aluno ao entrar na universidade ainda não en-

Fotos de Ronaldo Entler

MAGNUS CABELEREIROS

PROMOÇÃO

2ª a 5ª

CORTE - Cz\$ 300,00

MANICURE - CZ\$ 120,00

Tel.: 263-9050
Rua Cardoso de Almeida, 1524

tende todo o seu projeto. Então, acho que os alunos mesmo estariam de acordo que os professores, que desenvolvem toda uma carreira, evoluem com a universidade, estão ligados com esta por toda a sua vida, tenham um peso maior. Agora, qual o peso maior, acredito que o Consun é quem vai dizer, e também a discussão ampla vai provar a participação dos professores nesta discussão. Apenas penso que todos estudantes estão de acordo que não haja mais o sistema antigo da precariedade de uma carreira de professor na PUC, se não o seu grau acadêmico, ou digamos, a sua realização como universidade será dificultada por simples nomeações. Nós devemos estar no mesmo grau, na mesma situação acadêmica que as melhores universidades do país. Estarmos, por exemplo, junto com a USP no mesmo sistema de aperfeiçoamento da carreira do professor. Mas isto também exige que o professor possa ter uma voz de acordo com a sua responsabilidade e também com a elevação de nível da nossa universidade. Agora, como se fará isso, acredito que o Consun deverá descobrir uma maneira. Mas, dar o mesmo peso ao voto de alguém que deixa a universidade dentro de poucos meses, e a outro que vai passar quatro anos, e quem sabe, o resto da vida dentro da universidade, todos verão que não é muito justo ou ao menos não trará os mesmos resultados.

Porã — No último dia 11 foi realizado na PUC um debate sobre o trabalho da mulher no campo. Dois temas, onde a Igreja tem importante atuação, foram os mais debatidos: Reforma Agrária e a dura luta dos trabalhadores sem terra. Como o senhor analisa a participação da PUC em temas mais ligados ao trabalho da Igreja e como o senhor vê a PUC no quadro político e educacional brasileiro?

D. Paulo — Exatamente para isso a PUC foi criada, para anteceder a evolução da sociedade ou caminhar com a sociedade, mas sempre na primeira linha. Então, a reforma agrária é um destes temas quentes, de primeira linha, a mesma coisa é o debate sobre a mulher na sociedade o debate carcerário, de direitos humanos. Esses são exatamente os grandes temas que eu gostaria que empolgassem todos os estudantes, das diversas matérias mesmo aquelas que não estão diretamente ligadas, digamos, à Filosofia, Sociologia, Política. São esses debates que provam que a nossa universidade tem o seu objetivo específico, mas também tem a sua estratégia de proceder, ajudando o povo diretamente na conquista dos seus direitos.

Porã — A divisão da Arquidiocese de São Paulo, proposta pelo Vaticano, tem alguma influência direta ou indireta na PUC?

D. Paulo — Em primeiro lugar, esta divisão da Arquidiocese, muito falada, não chegou ainda propriamente numa fase de propostas concretas. Há apenas propostas iniciais. Portanto, será muito difícil dizer o que seria dividido, caso fosse dividido. Não acredito que se queira separar a universidade da Arquidiocese, ou seja, do povo paulistano. Ela quer ser o rosto deste povo. Mas não só, ela quer ser também o companheiro de caminhada, ou a companheira de caminhada do povo paulistano em todo o seu futuro. A PUC está profundamente ligada à cidade, ao povo que está aí, e jamais será separada desse povo, enquanto isso depender dos atuais responsáveis aqui, e eu penso nos professores, penso nos reitores futuros, mas penso na Fundação São Paulo, e sobretudo, no povo de São Paulo. A universidade pertence ao povo e deve ser mantida no sentido de ser a expressão da caminhada do povo nos próximos anos.

“Se houvesse só universidades estatais, teríamos uma ditadura no ensino superior”

Porã — Que análise o senhor faz do capítulo referente à Educação aprovado no primeiro turno pela Constituinte? A destinação de verbas públicas às instituições religiosas, favorece a PUC?

D. Paulo — Evidentemente. O debate foi no sentido de haver um pluralismo dentro da universidade. Se houvesse só universidades estatais, nós estaríamos dentro de uma ditadura do ensino superior, e isso não é possível, porque na hora em que o governo endurecesse, a universidade sofreria todas as conseqüências. É preciso haver alternativas. Só que eu acho que a conquista é pouca. Toda universidade que pudesse realmente merecer o título de universidade comunitária, devia ser considerada merecedora do ensino gratuito ou de paridade de remuneração com as universidades estatais. Porque comunitário vem ser anterior ao estatal, e por isso mesmo, deveria gozar privilégios tão grandes, ao menos, como as estatais. Foi dado um primeiro passo ao se abrir para as universidades sem fins lucrativos, mas sobretudo, que sejam comunitárias, portanto confiáveis à própria comunidade. Abriu-se uma perspectiva, mas foi apenas um primeiro passo. Eu creio que deveríamos chegar a uma situação no mínimo de igualdade com as estatais, se formos realmente comunitárias. Acentuo esse ponto, quer dizer, se exprimirmos o espírito da comunidade e estivessemos também em contato constante com esta comunidade, para com ela descobrir o que fazer e como fazer. Nesse

caso, deveríamos ter o dinheiro dos impostos da comunidade, pois eles são pagos para serem aplicados ao nosso ensino, à nossa saúde, que também é comunitária, a partir dos serviços prestados diretamente à comunidade, como também habitação, e a todos os outros problemas que podem e devem ser resolvidos no lugar e pela comunidade. Aí estaríamos muito mais próximos a uma democracia, quer dizer, a um povo dispondo de seu poder em benefício do bem comum de todos.

Porã — O senhor não acredita que a política de aumento das mensalidades, adotada pela Reitoria, choca-se contra a prioridade da Igreja pelos pobres, já que esses aumentos são um dos fatores que contribuem para diminuir o acesso destes à universidade?

D. Paulo — Esse é o sentido maior de nossa luta: a universidade poder acolher gente do povo e não só os seus anseios. Para que os representantes do povo, tanto os sindicatos como todas as pessoas, que desejam formar-se no ensino superior e tenham capacidade para isso, possam chegar até o final de sua formação e depois pôr os seus talentos à disposição do povo. Para tanto, como vocês dizem com muita razão, a universidade não deveria cobrar. Nós precisamos chegar a um momento em que o Brasil reconheça que os benefícios partem de baixo para cima, e não de cima para baixo, como sendo outorgados por alguém que está no momento no poder. As comunidades é que devem resolver, como se faz em diversas comunidades de democracias européias. Eu dou como exemplo a Suíça, em que eu próprio participei de um plebiscito em que a aldeia decidia se deveria aplicar o dinheiro em um centro de saúde ou em uma escola. E a comunidade é quem decidiu. O prefeito me disse: eu sou apenas executivo da comunidade, é ela quem me outorga a permissão para aplicar o seu dinheiro para o fim que deseja. É isso que nós gostaríamos que acontecesse com pais de alunos e com os próprios alunos da universidade, que os impostos deles sejam aplicados onde eles queiram. Se eles querem que sejam aplicados na universidade católica, que assim seja, e não sejam distribuídos por aí, às

vezes até de maneira escandalosa, como está acontecendo ultimamente.

“Houve um sério esforço da Reitoria mas os empecilhos foram muitos”

Porã — Que balanço o senhor faria do trabalho da atual Reitoria?

D. Paulo — A atual Reitoria, como as anteriores, teve um ambiente difícil de trabalho por causa da situação do país. Talvez nenhuma das reitorias tenha tido tanta dificuldade no sentido financeiro. Isto ocorreu, primeiro, por causa da inflação, e depois, pelo corte de verbas, quer dizer, da ajuda que nos vinha normalmente por parte do governo, não como ajuda, mas como compensação daquilo que nós pagamos como imposto. O governo foi diminuindo e foi dificultando todo o repasse das verbas. Então, eu acho que a Reitoria fez o máximo do esforço e o prestígio do Reitor foi muito grande junto aos governos, se não, não teríamos passado por essa crise, como passamos. Outras universidades estão em situação bem mais difícil que a nossa, pois não tiveram uma Reitoria de tanto prestígio. Gostaria de fazer justiça à Reitoria. Eu sei que ela sofre todas as críticas, e isto costuma ser em todas as organizações, mas no momento em que a Reitoria está terminando o seu mandato, todos não de reconhecer que houve um esforço muito sério, mas que os empecilhos e as dificuldades, tanto no campo federal, quanto no estadual foram muitos. Embora o governo estadual tenha sido mais sensível nos últimos quatro anos do que antigamente, pois o governo Maluf não foi acessível. Com o governo Montoro houve um avanço, e agora, com o governo Quéricia, estamos elaborando um possível convênio e ele se mostra favorável. Mas, no plano federal, nós tivemos

imensas dificuldades para a liberação de verbas, apesar das constantes promessas. Com isso, ficaram nervosos, em primeiro lugar, os responsáveis pela Reitoria e outros, e depois, os professores e alunos, porque nós, da Universidade, ficávamos sem os possíveis subsídios aos quais temos direito. Eu queria só lembrar que as antigas reitorias não tinham muitas preocupações financeiras. Isto porque, os subsídios chegavam a cobrir 68% de nosso orçamento, enquanto ultimamente não chega a cobrir nem 1%. Portanto, o Estado é que discriminou, e marginalizou universidades de grande vulto, de grande influência, como a nossa PUC e como as outras, em vez de ajudá-las, porque seriam elas canais para uma revitalização do país. É isso que nós desejamos para o futuro: que as universidades levantem de novo o povo e o tirem dessa apatia.

Porã — O senhor tem esperança que, após aprovada a Constituição e que ela entre em vigor, o quadro político e social brasileiro terá um avanço?

D. Paulo — Quase sempre, os organismos que padecem de uma doença ou de uma deterioração constante costumam diminuir, cada vez mais, a sua capacidade de ter reação, se não vier um elemento completamente novo. Agora nós temos dois elementos inteiramente novos diante de nós: primeiro, é o final da Constituinte, portanto, a elaboração da Constituição, segundo, a possibilidade de uma eleição para presidente. Se esses dois elementos entrarem quase que simultaneamente, se logo depois da Constituição promulgada, entrar um período de eleição e houver um candidato que saiba galvanizar o povo brasileiro no sentido dele acordar para uma colaboração, uma participação, o Brasil dispõe de tudo para vencer a crise em breve espaço de tempo. Para tanto, a PUC há de colaborar, certamente, no período da nova Reitoria.

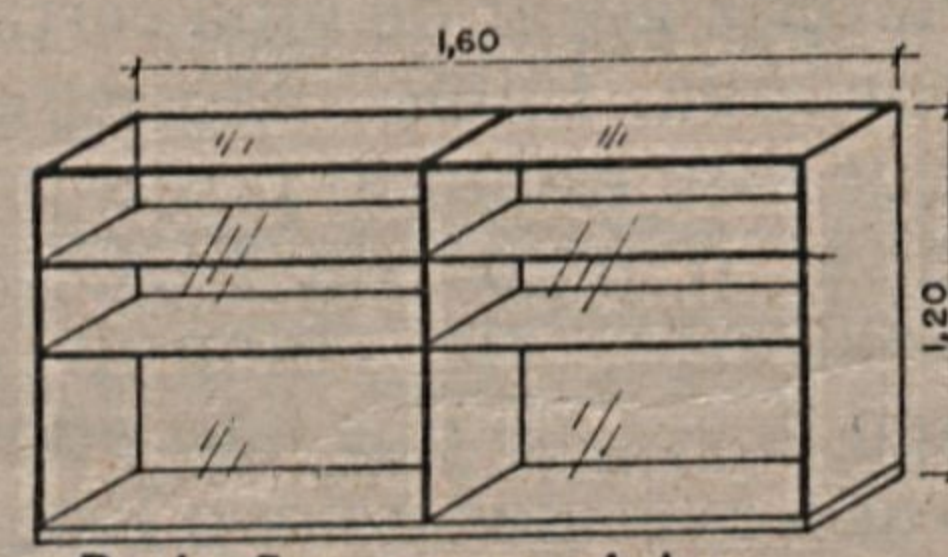
Entrevista a Judi Cavalcante

CASTELINHO LAVA RÁPIDO

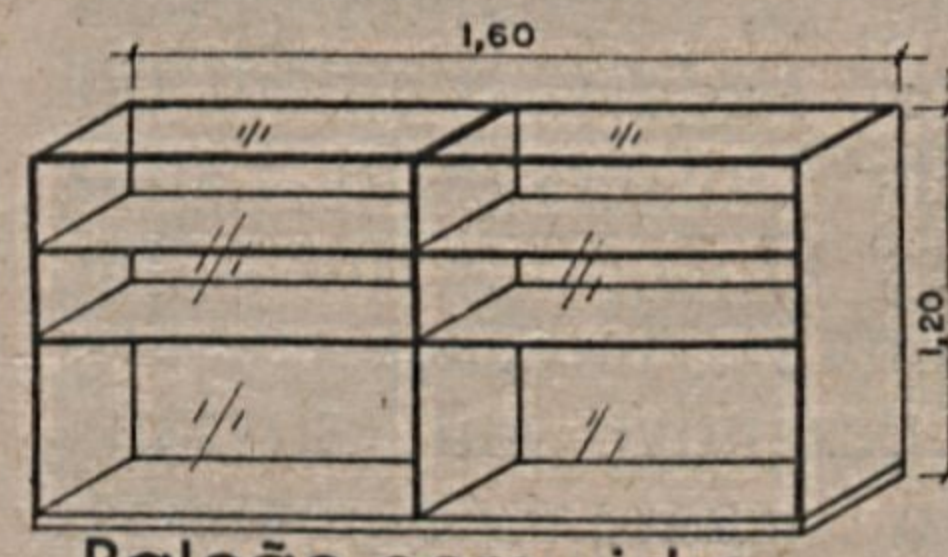
Venha fazer-nos uma visita e comprove nossa qualidade

RUA CATÃO, 1069
FONE: 872-9123

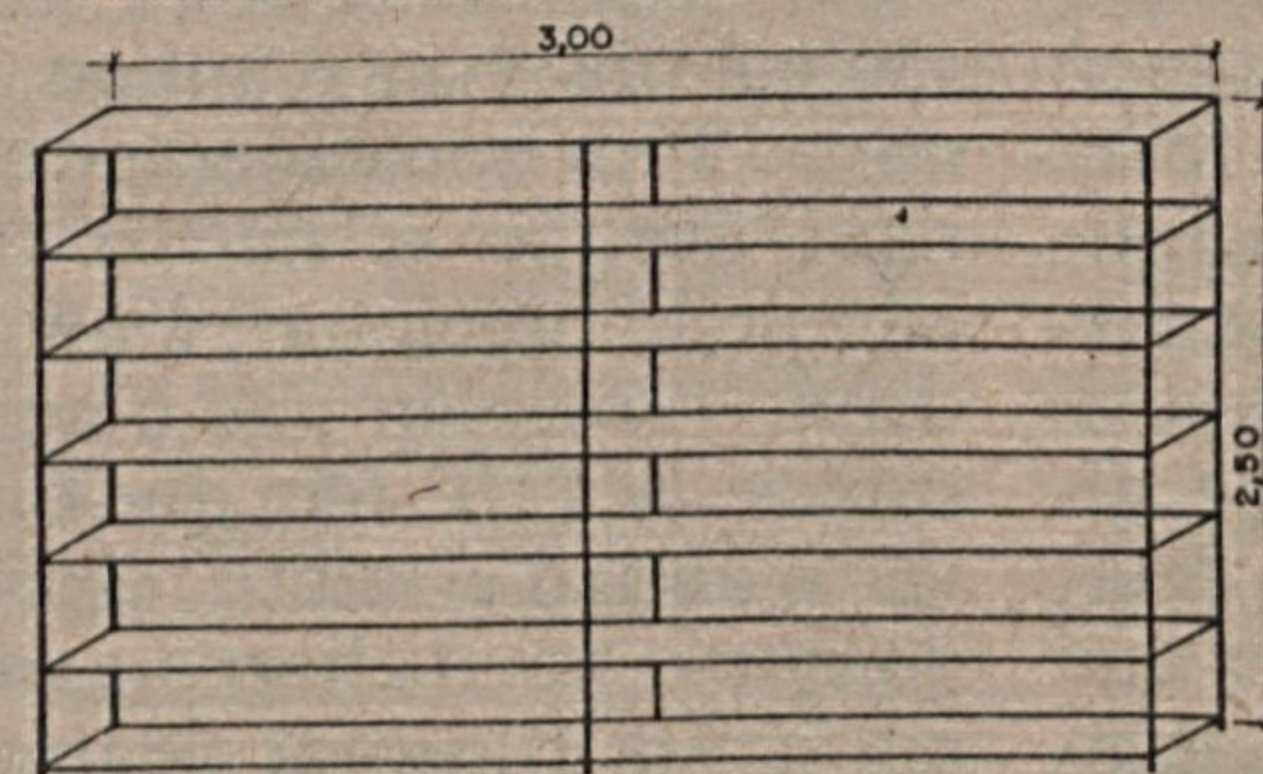
VENDO TUDO



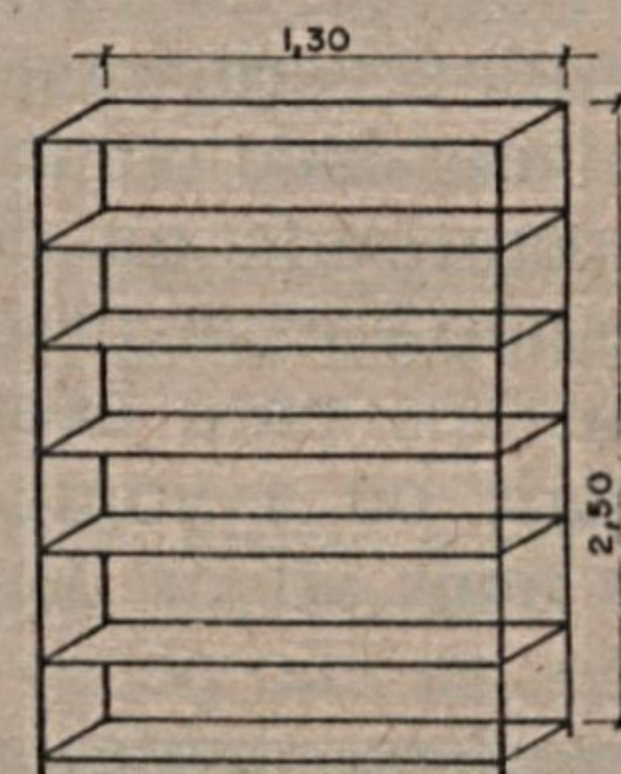
Balcão com vidro



Balcão com vidro



Estante



Estante

POR APENAS Cz\$ 50.000,00

Tel: 263-0211 ramal 367 ou
857-9514 c/ José Aguiar

Em agosto, uma nova livraria da Educ

Até o início do mês de agosto, o espaço no Prédio Novo do campus Monte Alegre, hoje dividido entre a papelaria da PUC e a livraria Educ, será destinado única e exclusivamente a essa última. A livraria passará a fornecer, além dos seus próprios livros, publicações de outras editoras institucionais e divulgará também livros comerciais.

A Educ existe desde 1974 e segundo sua diretora, Maria do Carmo Guedes, até 1984 funcionou como uma atividade de uma única pessoa, o seu diretor, sem possuir nenhum projeto de trabalho. Como consequência durante essa época foram publicadas apenas obras ligadas às áreas das pessoas que chegaram à direção da editora.

Além disso, segundo a atual diretora, a Educ até 84 efetivamente não editava nenhum livro, pois funcionava apenas como elo de ligação entre o autor e a editora que se interessasse pela publicação.

Informática agiliza cadastramento de professores

A PUC mudou a sistemática de cadastramento de seus professores, que deixará de ser feito através de fichas e passará para computadores.

Segundo Sérgio Luna, vice-reitor acadêmico adjunto, o antigo sistema tinha várias desvantagens, entre elas, que as fichas eram individuais, preenchidas pelos professores, e todas as informações eram reescritas ano a ano. Pelo novo sistema, somente as mudanças deverão ser informadas.

O controle das horas contratuais de cada professor será de responsabilidade do chefe do departamento onde ele está trabalhando "Antes o chefe de um departamento que tinha um professor trabalhando em outro setor da universidade, acabava respondendo pelas horas/ aula desse professor, sem que isso estivesse sob seu controle. Com essa nova sistemática, cada setor responde apenas pelos professores que têm atividades nele" resalta.

Todos os dados acadêmicos do professor estarão anotados em uma mesma listagem, que será emitida periodicamente e enviada aos departamentos para atualização.

Maria do Carmo Guedes diz que a diretoria que tomou posse no final de 1984, da qual faz parte, implantou um projeto de trabalho dentro da Educ, visando a transformá-la verdadeiramente em uma editora.

Nesse sentido, surgiu a idéia de instalar dentro do campus uma livraria que divulgasse as suas publicações. Essa livraria acabou por ser instalada no mesmo espaço onde já existia a papelaria da PUC, local em que se encontram até hoje.

Com a liberação do espaço ocupado pela papelaria, que deverá ser transferida para uma outra área do campus, a Educ, segundo sua diretora, acredita que terá maiores condições para transformar definitivamente sua livraria num local importante dentro da Universidade, "cumprindo sua função acadêmica de divulgar, junto a alunos e professores, as melhores publicações de todas as áreas."

Nela constará o nome do professor com um código de identificação, data de admissão, tipo de contrato de trabalho, vencimento do contrato, licença, tipo de licença e data de retorno, descrição de atividades, número de horas e se está fazendo substituições, tudo relativo àquele departamento. Paralelamente, serão reunidas em outra listagem as informações de toda a Universidade determinando assim o total geral de horas/aula de cada professor e todas as suas atividades.

Sérgio ressaltou também que o trabalho de coleta de informações ainda está sendo feito pelos departamentos, o que poderá complicar o pagamento do mês de março, que depende desses dados. "Há setores que em janeiro já haviam enviado dados. Outros, porém, ainda não mandaram nada", explicou.

Nesse novo sistema será possível obter instantaneamente a situação acadêmica de todos os professores de um departamento, ou os dados de um professor em todos os setores da universidade, através de consulta ao computador.

O sistema de telefones da PUC está em crise. Com vinte linhas de recebimento de chamada e apenas dez para emissão, o sistema não permite que onze dos duzentos ramais da Universidade liguem para qualquer lugar, em um mesmo momento. Os resultados dessa deficiência são facilmente notados pelas pessoas que ligam para a PUC nos horários de pico, "quando dificilmente é possível falar na maioria dos ramais", como afirmou Nilda Gomes, telefonista da PUC. Uma saída para o problema seria o aumento de linhas mas, segundo o vice-reitor comunitário, Antônio Chizotti, "isso só poderá ser resolvido depois da saída da crise, pois requer muito dinheiro". Por enquanto, como admitiu Chizotti, nada pode ser feito.

Fora do gancho

Além dos problemas técnicos, as telefonistas enfrentam a indisposição, dentro de alguns setores, em atender ao telefone. "Muitas vezes não é possível transferir as ligações pois o setor deixa o telefone fora do gancho", disse Maria Conceição Simões da Silva, outra das cinco telefonistas que se revezam durante os períodos do dia. Um exemplo é a Tesouraria que, em épocas de pico, como data de matrícula e dias de pagamento de mensalidade, deixa de atender ao telefone, como admitiu Cícero Pacheco Costa Filho, atendente do setor. "Esses problemas deixam os alunos muito enfezados, quando ligam para saber algo. Às vezes ouvimos absurdos e, como ninguém é de

Os telefones, um velho problema



Ronaldo Entler

Não deixar o telefone fora do gancho facilita o trabalho das telefonistas

ferro, nós também descarregamos", disse Maria da Conceição.

Outro problema que as telefonistas administram é a falta de informações e, em vésperas de alguns cursos, recebem "telefonemas de outros estados querendo saber a data ou o horário das aulas. Na maioria das vezes nós perdemos muito tempo para informar, pois somos as últimas a saber dos acontecimentos", afirmou Nilda, lamentando a falta de uma central de informações. Esse problema, segundo o vice-reitor comunitário, "está sendo solucionado com a implantação de um centro informativo, que atenderá tanto por telefone como pessoalmente, para que as pessoas não fiquem perdidas na PUC". Além disso, "as portarias também serão reestruturadas e, de agora em diante, não será mais permitido que um porteiro fique lendo jornal", afirmou Chizotti, para quem

só uma portaria bem informada pode resolver os problemas de quem não conhece a PUC.

Como usar bem o telefone

- Não deixar fora do gancho, pois a telefonista pensa que está ocupado e pede para ligar depois, congestionando ainda mais o sistema.
- Não usar os telefones da PUC para tratar de assuntos particulares.
- Atender rapidamente quando o telefone tocar, para que a linha não fique ocupada desnecessariamente caso a pessoa procurada não estiver.
- Falar rapidamente o necessário, pois o sistema está programado a derrubar a linha depois de cinco minutos. As telefonistas não têm condições de interromper qualquer ligação, não sendo culpadas pela queda de linha anterior a esse tempo.

PUC contrata bombeiros

Se você é jovem, desembaraçado com muito dinamismo e vivacidade para situações imprevistas,

ANUNCIOS POPULARES

DATILOGRAFIA — Faço trabalhos escolares, currículos, Teses, Transcrições de fitas, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO. Máquina IBM. Tratar fones 252-0728 e 265-5833, C/ TELMA. Trabalho sábados e domingos inclusive.

PAPEL DE SEDA

Uma nova papelaria pra você!
Canetas, lápis, cartões, papéis de presente, de carta para escrever e criar. Tudo que você precisa no C.A. EDUCAÇÃO.

pode ser um forte candidato ao cargo de "combatente eterno das chamas". É isso mesmo, a PUC está contratando bombeiros profissionais com formação em primeiros socorros e com treinamento em situações de emergência passando por todos os setores da Universidade.

O objetivo é controlar a manutenção dos equipamentos contra incêndio (extintores, mangueiras etc...) e inspecionar os locais de trabalho para a prevenção de acidentes. Com isso, a Universidade pretende garantir segurança e minimizar ou até mesmo eliminar situações de risco para a comunidade.

Segundo Claus Moreira, supervisor do SESMT (Serviço Especializado em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho), "nós pretendemos fazer uma palestra para todos os alunos que entram no primeiro ano, com slides e audiovisual, informando e conscientizando acerca da importância que

tem a segurança do trabalho. Isto já foi feito no Mackenzie e vai ser feito na USP também", afirma.

O objetivo de todo este trabalho é garantir a máxima segurança dentro da Universidade, pois um pequeno descuido pode prejudicar setores ou danificar materiais vitais para a PUC. No último dia 5 de abril, por exemplo, houve um princípio de incêndio no 2º andar do Prédio Novo. A causa, uma ponta de cigarro jogada no forro do teto de uma sala de aula.

Ainda conforme Claus Moreira, "muita gente não sabe, mas o forro é constituído por um material combustível, e uma simples ponta de cigarro pode iniciar um fogo que passa para as instalações elétricas com possibilidade de curto em qualquer setor dessa Universidade". Desta forma, "a PUC tem se preocupado cada vez mais em garantir o seu espaço físico, mas é preciso que os alunos também tenham consciência deste fato", continua Claus.

PROCURA-SE APARTAMENTO

Procura-se apartamento para alugar, de 4 de julho a 6 de agosto, para hospedagem de professores que ministrarão aulas no Instituto de Linguística Aplicada, promovido pelo Pós-Graduação em LAEL. Contatos com Carlos ou Dina, R. 317, ou no guichê da Secretaria da Faculdade de Comunicação e Filosofia.

Um patrimônio que merece respeito

A PUC tem cinco bibliotecas distribuídas pelos três campi, que contam com um acervo de 150 mil volumes

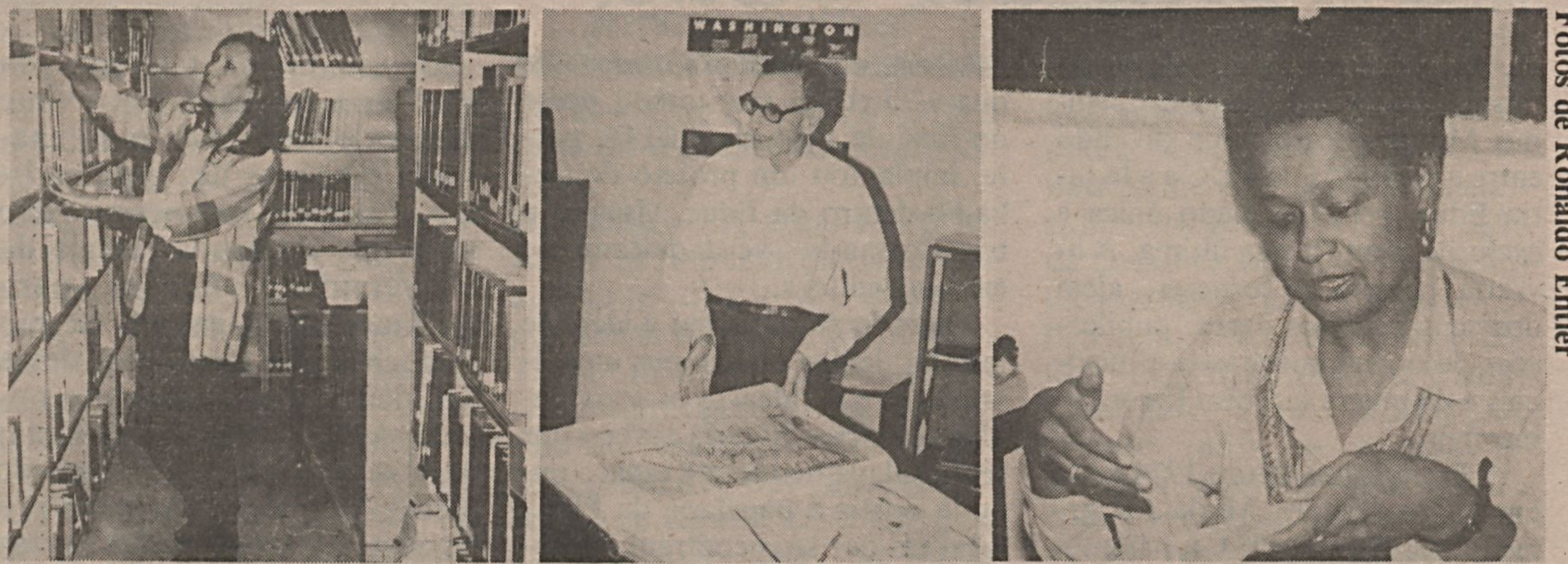
A PUC possui um dos maiores acervos em livros e periódicos do Brasil. As cinco bibliotecas, distribuídas pelos três campi, contam com cerca de 150 mil volumes, entre os quais algumas obras consideradas raras. Os dezoito mil alunos da universidade têm acesso aos diversos assuntos e correntes de pensamento. De literatura à computação, de ocultismo à economia moderna, as bibliotecas representam um valioso patrimônio cultural.

Espaço, manutenção, roubos e depredação de livros são alguns dos problemas apontados pelas bibliotecárias, além da centralização das compras. Adquirindo um único exemplar, é preciso que se tenha três orçamentos, boa vontade e muita paciência. Essa é a constatação das bibliotecárias Ana Maria Rapazzi e Carmem

Pratis Valls, responsáveis pelas bibliotecas central da Monte Alegre, que lamentaram o tempo longo — cerca de um mês — para que um exemplar seja comprado.

Outro problema é a falta de interesse dos professores em relação à atualização do acervo, como afirmou Ana de Oliveira, da biblioteca de graduação da Marquês de Paranaguá. Anualmente, Ana entrega um formulário pedindo aos professores sugestões de títulos a serem comprados, mas “as respostas são raras”.

Quando a depredação de livros, há um exemplo recente na biblioteca de Pós-Graduação da Monte Alegre: um aluno cortou cerca de trinta páginas do Anuário do IBGE de 1964, inutilizando a obra, quando poderia ter tirado xerox por menos de Cz\$ 150,00.



A esq. Ana Rapazzi (Marquês), ao centro Luiz Kubinszky (Central) e a direita Izilda da Silva (Monte Alegre)

Fotos de Ronaldo Entler

As bibliotecas da PUC

Central

Com cerca de 120 mil livros, é a maior biblioteca da PUC. Fundada em 1946, junto com a Universidade, teve como base as bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento e da Faculdade Paulista de Direito. Em 1950, a biblioteca foi transferida para a Rua Monte Alegre, contando com um acervo de cinco mil obras, na sua maioria livros de Direito e de filosofia medieval. Foi nessa época que Luiz Kubinszky, atual bibliotecário-chefe, começou a trabalhar na biblioteca, organizando a sua formação.

Além de Kubinszky, trabalham mais cinco funcionários, número insuficiente segundo a bibliotecária Ana Rapazzi. “Nós temos que catalogar livros, passar remédios, atender alunos, procurar livros para comprar e diversos outros trabalhos”, disse Ana que também reclamou não receber sugestões de bibliografia, por parte dos professores.

O espaço da biblioteca é outra questão delicada, já que os atuais quatro mil metros quadrados não oferecem uma boa perspectiva para o futuro. “O nosso espaço foi sendo espoliado. Perdemos parte para a biblioteca de pós, para a papelaria, para a hemeroteca etc. O que nos restou foi um espaço apertado, que compromete o futuro da biblioteca”, afirmou

Carmem Pratis Valls, que trabalha na Biblioteca Central há 26 anos.

Apesar de possuir ambientes separados, para estudo em grupo e para leitura individual, “o que não se consegue ter na sala de silêncio é silêncio”. Essa é a opinião de Luiz Carlos Ronis, estudante de Direito, para quem o trânsito de veículos e o “constante congestionamento causado pela ineficiência do estacionamento da Unipark, fazem com que o Código Penal seja estudado ao som de buzinas e motores”.

Pós/Monte Alegre

Fundada em 1969, possui 24 mil obras, entre livros, periódicos, teses, microfiches e microfichas. Subordinada diretamente ao setor de Pós-Graduação, a biblioteca trabalha com duas bibliotecárias e três auxiliares, além de dois estagiários. Esse número, segundo a bibliotecária Izilda Santos da Silva, “é insuficiente, pois dificulta um atendimento personalizado.” O espaço físico, herdado da biblioteca central, “é suficiente pelo menos por mais alguns anos”, disse Izilda.

Graduação da Marquês de Paranaguá

Com cerca de 4.500 volumes, atende aos 1.100 alunos de graduação da Marquês. Um dos maiores problemas enfrentados pelos usuários é a falta de espaço,

já que a biblioteca não possui uma sala para leitura individual. Segundo Wilson Correia da Costa, do 4º ano de Matemática, “o barulho é insuportável e ninguém fala nada”. Mas, de acordo com Ana de Oliveira, bibliotecária há onze anos, esse problema será solucionado com a abertura de uma nova sala, “que já foi prometida pela Reitoria”.

Pós-Graduação da Marquês

Formada em 1977, foi comprada do professor Abrão de Moraes, ex-professor da USP. A responsável pela biblioteca, Regina Danza e Silva, encarregou-se de buscar e escolher os livros, na época da fundação. Ana disse que o maior problema que enfrenta é a falta de verbas, que resulta numa deficiência de material atualizado. “É um absurdo ter apenas cinco periódicos assinados, na área de Matemática e nenhum em Física”, lamentou Ana, lembrando que nessas áreas, as contribuições em periódicos (jornais e revistas) são muito importantes.

Além de Ana, trabalha uma assistente, mas o número de funcionários não chega a ser um grande problema. A reportagem do *Porã* ficou durante meia hora na biblioteca, e nesse tempo não entrou nenhum dos 89 estudantes da pós. Segundo Regina, poucas pessoas estudam na biblioteca. No ano passado, houve 120 consultas feitas no local e 250 retiradas, o que demonstra a preferência em estudar em casa.

Medicina e Enfermagem de Sorocaba

Esta biblioteca será enfocada em um dos próximos números do *Porã*.

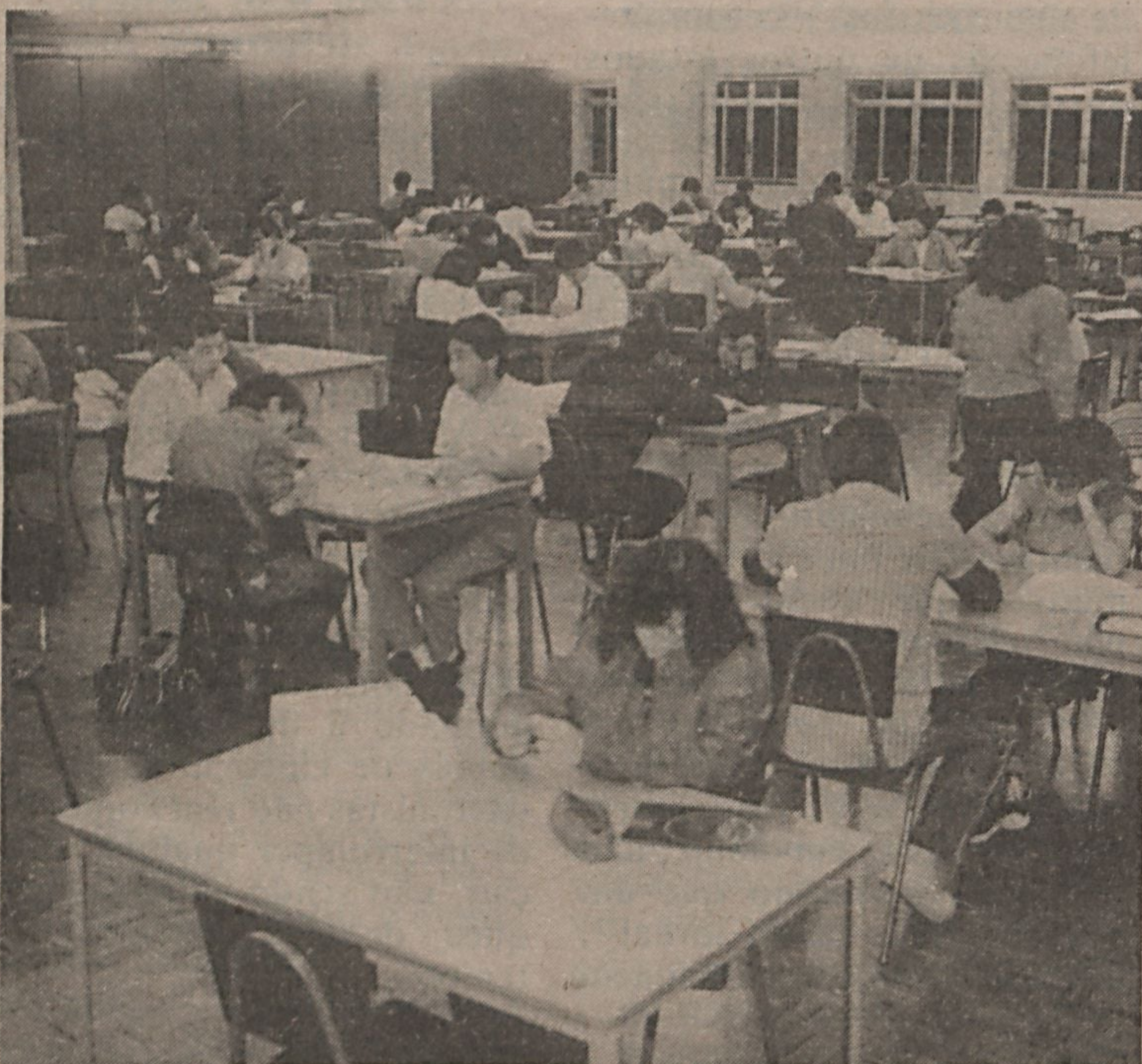
MAGNUS CABELEREIROS

- Entrelaçamento Unisex
- Alisamento e tratamento com produtos naturais

Consulta Grátis

Tel.: 263-9050

Rua Cardoso de Almeida, 1524



Sala de estudos da Biblioteca Central

PUC with American English School

Aprenda a ler, falar, entender e pensar em inglês.

- Cursos especiais para alunos da PUC, grupos de 3 e 5 pessoas (semi-particulares).
- Curso de conversação intensivo para todos os níveis.
- Método TRS com rodízio de professores para cada turma.

- Horário totalmente flexível e personalizado.
 - Método inédito e dinâmico.
- Promoção especial:**
- Forme um grupo de 3 e 5 pessoas e ganhe uma bolsa de estudos.

American English School

Av. Pacaembu n.º 1539 - Tel.: 67-5459
Al. Ribeirão Preto n.º 384 - Tel.: 288-9722

Brasiliense

promoções culturais
“Botamos o dedo”
na questão do vestibular
criando o curso

Redação para
vestibular

Os Profs.
SEVERINO ANTONIO e
EMÍLIA AMARAL
em 8 aulas farão
com que você
redescubra
o gosto de escrever

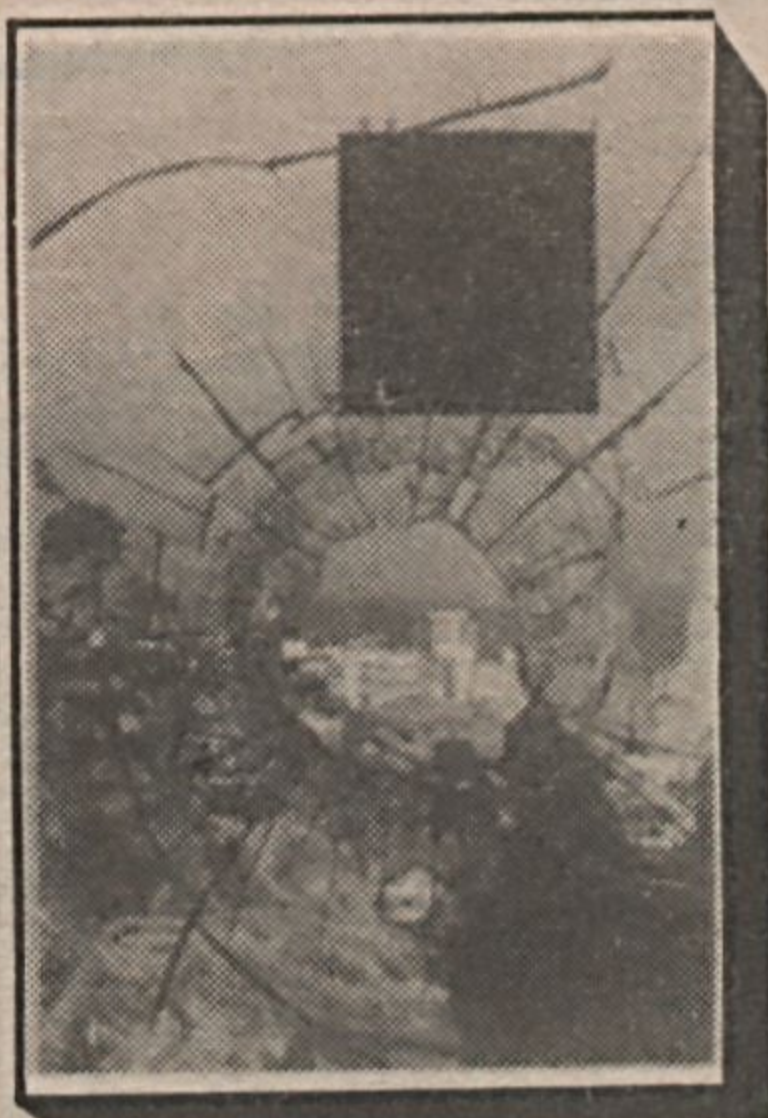
Início das aulas —
06/06/88
2^{as} e 5^{as} das 19 às 22hs.
Preço — Cz\$ 5.000,00
NÚMERO DE VAGAS
LIMITADO

R. da Consolação, 2697 —
1º andar Fone: 280-1222 —
r. 31

LER

&

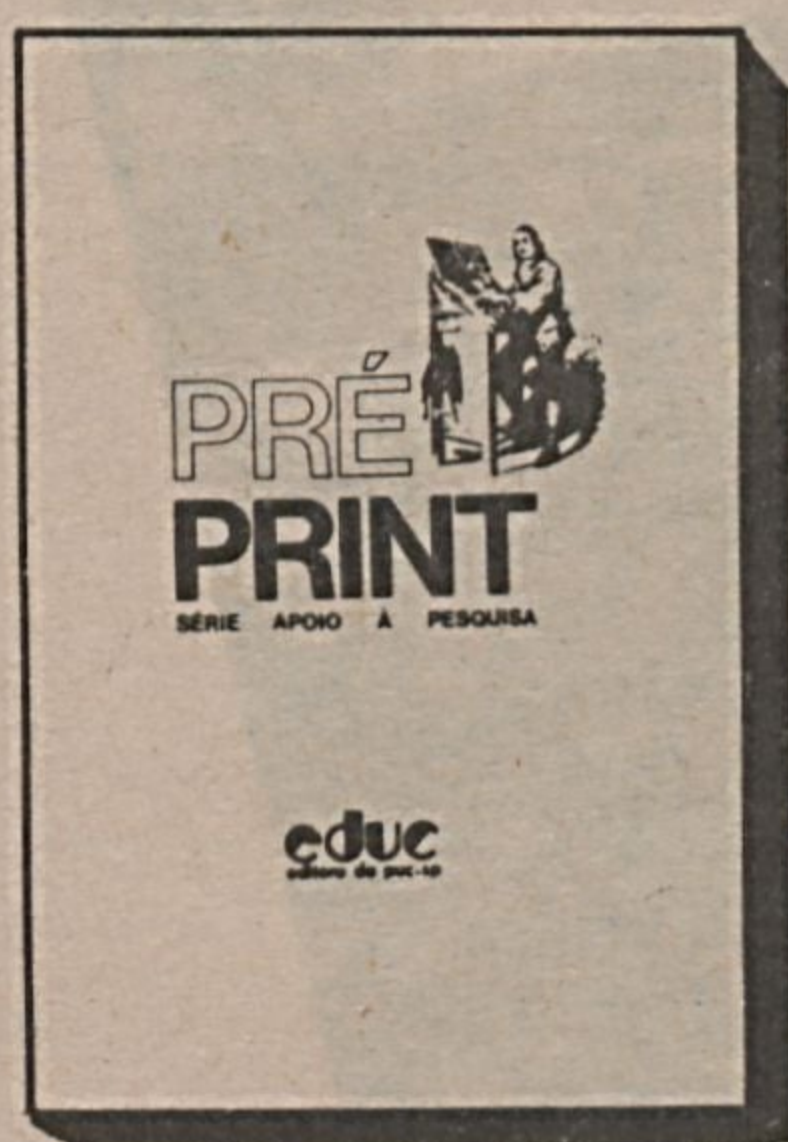
OLHAR



Vida urbana e questão da pobreza. Aldaiza Sposati. Cortez Editora. Cz\$ 2.200,00.

Os serviços sociais municipais e seu acesso à população dos centros urbanos é o tema central da obra. A autora discute o tratamento dispensado pela sociedade aos pobres que ela mesma gera, através da ação do Estado. Anali-

sa a gênese e o desenvolvimento das políticas sociais na Prefeitura de São Paulo, particularizando os serviços de assistência social como estratégia de gestão da pobreza urbana.



Movimentos sociais em transporte coletivo — A experiência da Associação de Usuários em Santo André. Celso Augusto Daniel. Educ. Cz\$ 200,00.

Um novo lançamento dentro da Pré Print, Série Apoio a Pesquisa, edição experimental com 200 exemplares. O objetivo da publicação consiste em, a partir do relato de uma experiência específica de participação popular na questão do transporte coletivo urbano — da Associação dos usuários de Santo André — discutir o significado, os impasses e as potenciali-

dades dos chamados “novos segmentos sociais urbanos”. O autor relata a experiência da Associação desde a criação, em novembro de 82, até o final de 1986 e levanta pontos para reflexão a respeito dos problemas e do potencial dos novos movimentos de transporte, em termos das alternativas que se abrem ao modo de organização e funcionamento do sistema de transporte coletivo urbano no Brasil.

Todo Sonho é Vasto e Vão. Eduardo Fidel Collado, Editora João Scortecci. 72 pags. Cz\$ 500,00.

Em “Todo Sonho É Vasto E Vão”, Eduardo Fidel Collado, ex-estudante de Economia e Direito da PUC, escolhe correr os riscos ao assumir o direito de dizer sua palavra. Opta pela poesia, que faz parte do caminho percorrido. Caminho incerto, que passa pela uni-

versidade, por cozinhas de restaurantes, balcões de atendimento etc...

O livro será lançado no dia 26 de maio, às 19 horas, na livraria HaiKai. O endereço é: Rua Fradique Coutinho, 584, em Pinheiros.

Essa coluna registra os lançamentos de livros, especialmente os de autoria da comunidade. Os interessados devem enviar informações para a redação do Porã, Rua Monte Alegre, 984, Cep 05014, Fone 864-1012.

ASSINE

LEIA

Um jornal de livros, autores e idéias

(011) 815-4999

POUCAS

&

BOAS

Inscrições no Cepe

Para fazer a inscrição do pedido de bolsas no Cepe (que teve o prazo prorrogado até 15/06), é necessário preencher um formulário de solicitação de bolsa juntamente com a apresentação do projeto de pesquisa. Além disso um parecer do orientador e outro do Dept.º de origem, mais o currículo atualizado e o comprovante de matrícula do Pós-Graduação. Maiores informações na sala P-66, das 9 às 12 e das 13 às 18hs.

Maio de 68, vinte anos

A partir do dia 4 e até 25 de junho, semanalmente, o Centro Acadêmico de Ciências Sociais (Cacs) promove o curso de extensão universitária “Maio 68 — Maio 88 — Vinte Anos de Utopia & Ilusão”, sempre das 14 às 18 hs. No dia 4 o tema será “A opção pela luta armada”, com Jacob Gorender, José Genoíno, Fernando Gabeira e Apolonio de Carvalho; dia 11, “A efervescência cultural”, com Roberto Piva, Zé Celso Martinez Correia, José Mário Ortiz e Tomzé; dia 18, “Três Leituras”, com Edson Passetti, Olgá-

ria Mattos e Edgar de Carvalho; e no dia 25, o mesmo tema com Marijane Lisboa, Holien Bezerra e Catherina Kolthai. Será na sala 333, 3º andar do Prédio Novo e as inscrições custam Cz\$ 500,00, no Cacs. O apoio é da Faculdade de Ciências Sociais (Departamento de História, Ciências Sociais, Antropologia e Política).



Conheça o

CREDIÁRIO SARAINA

LIVROS UNIVERSITÁRIOS

agora em até 4 pagamentos

SEM JUROS E SEM ACRÉSCIMO

livraria SARAINA

A mais completa da história

LOJAS E PONTOS DE VENDA:

CENTRO - Rua José Bonifácio, 203
Rua São Bento, 196
Praça da Sé, 423

HIGIENÓPOLIS - Rua Maria Antonia, 328

OMEC - Av. Candido Xavier Almeida Souza, 200
Mogi das Cruzes Fone: 469-0481

BRAZ CUBAS DIREITO - Rua Francisco Franco, 133
Mogi das Cruzes

BRAZ CUBAS CAMPUS - Av. Francisco Rodrigues Filho, 1233
Mogi das Cruzes

PUC - Rua Ministro de Godoy, 1029
Fone: Direto

OSASCO - Faculdade de Direito - Rua Narciso Sturlini, 883

ITU - Faculdade de Direito - Av. Tiradentes s. n.º

SÃO JUDAS - Rua Taquari, 546 - Mooca

FMU I - Rua Taguá, 150 Fone 279 3711

FMU II - Av. Liberdade, 654

ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

Os quinze anos do Cuca

O coral, que canta do erudito ao rock, também utiliza recursos cênicos



Na apresentação de aniversário, um destaque especial às músicas afro-brasileira

O Cuca, Coral de Universitários da Católica, que é formado por atuais e ex-estudantes do campus Monte Alegre, está completando quinze anos e para marcar a data organizou uma grande apresentação à Universidade.

O grupo, que tem como regente Renato Teixeira Lopes e como preparador vocal Walmir Mellone, foi formado por iniciativa de dois Centros Acadêmicos: o CA de Filosofia da antiga Faculdade São Bento, que viria a ser incorporado pela PUC, e o Leão XIII. Depois, se desvinculou dos CAs porque, conforme Renato, eles estavam querendo utilizá-lo politicamente.

Segundo Renato, a invasão da PUC pela polícia marcou muito a história do Cuca:

“Muitos alunos refugiaram-se na sala em que o coral ensaiava e receberam, então, partituras para disfarçar. No final, todos foram liberados”, lembra.

O Cuca, que já cantou com nomes como Roberto Carlos e Hermeto Pascoal entre outros, de acordo com Yara Maria Miguel, que há seis anos faz parte do grupo, “não é um coral especializado em um tipo de música. A gente canta desde peças da Renascença, até rock, música popular, erudita etc”. Ela destaca ainda, o fato de o grupo utilizar, frequentemente, recursos cênicos em suas apresentações.

Um dos grandes problemas

enfrentados pelo Cuca, segundo Walmir Mellone, sempre foi o do espaço físico para os ensaios. Ele declara que hoje a Reitoria tem dado um apoio considerável ao Coral, mas entende que a atual sala ainda tem alguns problemas.

Seleção

Para entrar no grupo, que hoje conta com cinquenta membros, não é necessário saber nada de música. Não há nenhum tipo de seleção, apenas classificação para determinar as características vocais de cada um dos interessados.

Segundo o regente, que foi um dos fundadores do coral, entre todos aqueles que já entraram no Cuca, foi muito pequeno o número de pessoas que efetivamente não tinham “condições para a coisa”. Para ele, “o essencial é ter muita coragem, pois entrar em um grupo formado requer uma enorme força de vontade”.

Sobre a constante entrada de pessoas novas no coral e as eventuais saídas de antigos membros, Renato diz que não é nunca um começar de novo e

que ele gosta muito do choque que isso provoca.

Na sua apresentação do último dia 23 à comunidade da PUC, o Cuca demonstrou toda a sua versatilidade cantando músicas de vários estilos. Deu um destaque especial às músicas afro-brasileiras em homenagem aos cem anos da abolição da escravidão, e contou com a participação do novo Cuca formado, em novembro do ano passado, no campus Marquês de Paranaguá.

Um Centro Esportivo para a PUC

Uma proposta junto ao MEC e empresas particulares prevê a ampliação das instalações da Deric

A Coordenadoria de Educação Física da PUC quer criar um centro de esportes na Deric para a utilização de toda a comunidade. Mas, segundo o professor Ronaldo Ferreira Negrão, “primeiramente é necessário criar uma infra-estrutura e uma conscientização da prática esportiva na Universidade, para depois se pensar num projeto mais concreto”, afirma.

É partindo disto que a Coordenadoria tem promovido campeonatos nas modalidades vôlei, basquete e futebol, dentro da Universidade desde o primeiro semestre de 87, utilizando o espaço da Deric para a realização dos jogos. O que deve ser enfatizado, na

opinião do prof. Ronaldo, “é que a Deric é da PUC e o seu espaço não está sendo utilizado somente para as competições; as competições é que vão trazer infra-estrutura para construir o espaço do lazer”, ressalta.

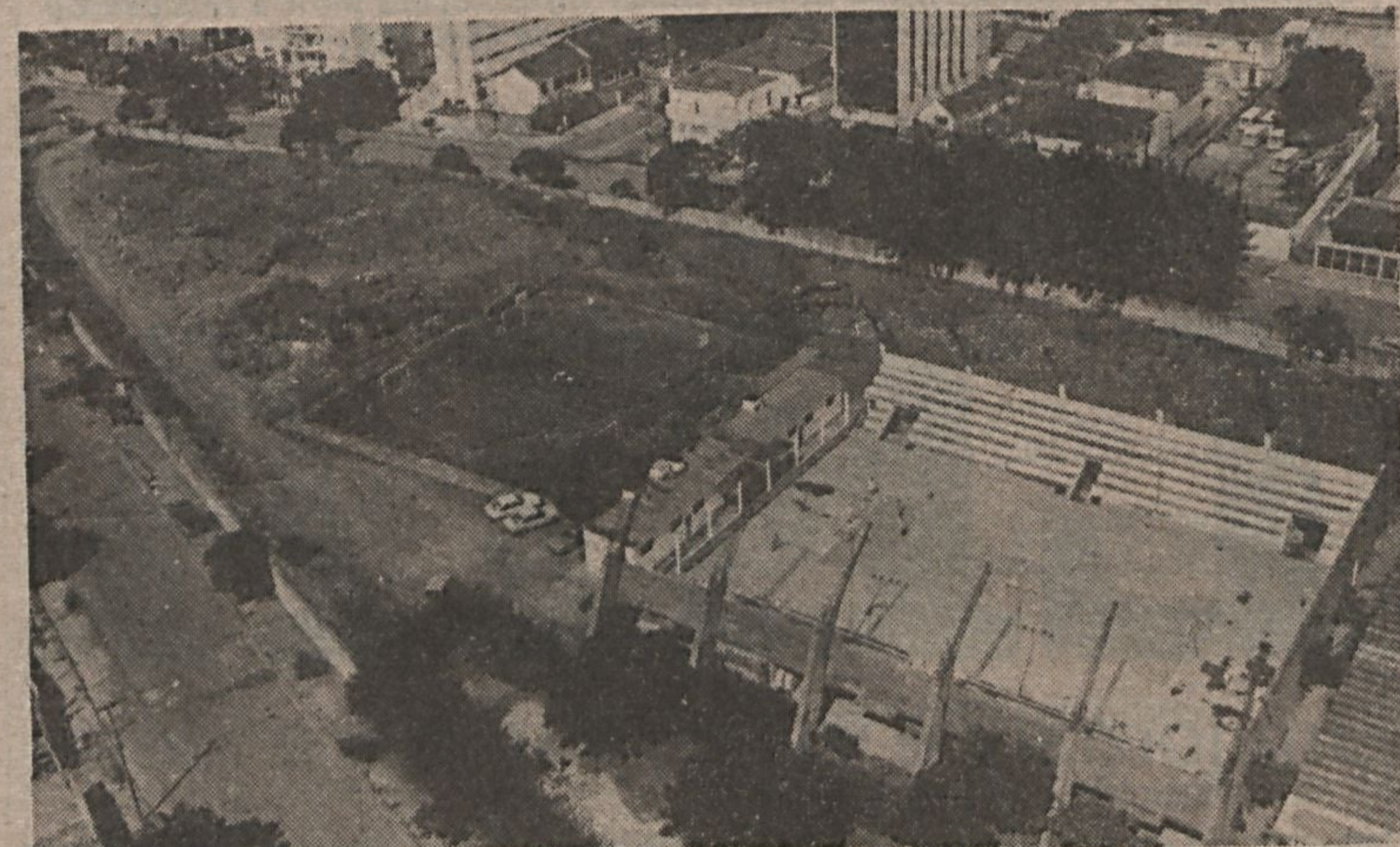
O objetivo é realizar um trabalho educativo e pedagógico dando acesso a todos para se aproximarem da prática esportiva. Além disso, “integrar a comunidade, criando essa prática a partir dos espaços que já existem no campus, como por exemplo, a quadra”, conclui o prof. Ronaldo.

História

Para quem não sabe, a PUC

organizou em 1973 a Escola de Educação Física com um projeto para a construção de um ginásio de esportes e piscina, chegando a funcionar durante dois anos. Extinta a faculdade e inacabada a construção do ginásio, o prédio foi utilizado pela Faculdade de Psicologia e depois pela Deric. Atualmente existem três quadras, uma interna e duas externas.

Essas instalações esportivas são consideradas precárias em se tratando de uma universidade como a PUC, que comporta um grande número de alunos. Conforme ainda o prof. Ronaldo, “existe uma proposta junto ao MEC e empresas privadas, para a obtenção de verbas que seriam aplicadas na



O projeto é criar um centro esportivo para utilização pela comunidade

construção do centro esportivo, melhorando o que já existe na Deric e construindo novas instalações. Mas não há ainda

um projeto arquitetônico, estamos numa fase de contato inicial com as empresas”, afirma.